

## **CORPO COMESTÍVEL**

FABIO WEINTRAUB<sup>1</sup>

Pedaços de um corpo feminino moldados em chocolate e marzipan. Peitos, bocas, colo, púbis..., em tamanho reduzido ou natural, servidos sobre a mesa. Três mulheres, vestidas de vermelho, negro e branco - personagens interpretadas pela própria artista, que modelou as peças a partir do próprio corpo - oficiam a refeição, o repasto totêmico onde se come, não o pai tirânico da horda primitiva, como imaginou Freud, mas a mãe desde sempre desejada.

A descrição é sumaríssima, mas dá a conhecer o mais recente trabalho de Rosa Esteves: **Corpo comestível**. Tal trabalho, de índole antropofágica, atualiza o debate sobre as difíceis relações entre arte e consumo na contemporaneidade. Contra o fetichismo da saúde, o culto ao corpo jovem, ao músculo-espetáculo (último disfarce do puritanismo norte-americano globalitário), a experiência aqui tem lugar é a do registro delével de um corpo que, demiurgicamente, se configura à margem das armadilhas narcísicas, a salvo das imagens prontas, convencionais, colocadas à nossa disposição pelos imperativos da propaganda, da beleza serializada.

Por um lado, tal registro não é estritamente "naturalista", mas aproveita acidentes e imperfeições originadas durante o processo de modelagem. Por outro, sua capacidade de subtrair o corpo à erosão do tempo (paralisado nos negativos de gesso e silicone) é contrabalançada pela impermanência do material utilizado nas peças; alimento destinado à saciação dos espectadores-comensais.

Quanto às referências no campo das artes plásticas, **Corpo comestível** dialoga, por exemplo, com a obra de Amélia Toledo, de quem Rosa Esteves foi aluna, na FAAP, em meados dos anos 70. Mais especificamente com a obra *Reunião* (1975), exposta recentemente em retrospectiva no MASP, e na mostra

---

<sup>1</sup> Poeta, autor de *Novo Endereço* (Prêmio Casa de Las Américas, 2003).

Jovem Arte Contemporânea (JAC), quando a censura e a repressão açaimavam quem ousasse desafinar o coro dos contentes. Lá como aqui, além da continuidade na escolha dos procedimentos, o ícone da oralidade servindo para representar o que o mundo oferece de *intragável* em diferentes momentos de nossa experiência histórica.

Outro ponto importante a ressaltar prende-se à recuperação de uma certa imagem do feminino num momento histórico em que as distinções de gênero se esbatem, em que o erotismo deriva para o espaço da transexualidade, do charme andrógino, do corpo-prótese e do gozo artificial. Assim, seja por tematizar o envelhecimento, seja por enfatizar a "potência nutriz" da mulher, Rosa Esteves coloca novamente em cena uma certa figuração do feminino que a revolução sexual, com êxito notável, tratou de impugnar.

Por fim, se o corpo é, como queria Merleau-Ponty, a um só tempo vidente/reflexivo e visível, se a relação corpo-mundo é de natureza estesiológica, havendo uma carne do corpo e uma carne do mundo (e uma interioridade que se propaga de um a outro numa reversibilidade permanente), esses pedaços de corpo, impressões fósseis do mundo, seguirão constituindo objetos internos bons, apetecíveis, criando água em todas as bocas do espírito.